



O ENSINO E APRENDIZAGEM DA RESPONSABILIZAÇÃO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA - PERSPECTIVAS DA PEDAGOGIA ONTOPSICOLÓGICA

Thayse Smek Uberna
Ana Maria Barros de Souza

Linha 16 – O ensino da responsabilidade individual do aluno na educação inclusiva

Resumo: Apresenta-se a prática docente inclusiva no contexto da educação infantil, em consonância com os estudos contemporâneos da ciência ontopsicológica, com contribuições da pedagogia e da psicossomática, como também da perspectiva sistêmica da vida – o pertencimento. Se trás a tona a observância dos aspectos legais, a responsabilização no processo de ensino e aprendizagem sobre uma criança com epilepsia que frequentou o ensino na infância no período de março a dezembro de 2019. Com a pesquisa buscou-se responder o questionamento: Como atuar com a educação inclusiva no ensino infantil, concebendo o princípio da responsabilidade sob a ótica da pedagogia ontopsicológica? Para tanto, o objetivo geral visou relacionar a prática docente inclusiva de um caso de epilepsia com a teoria da pedagogia ontopsicológica e os objetivos específicos visaram apresentar as inter-relações da criança de inclusão com o grupo de crianças e professoras no contexto da educação infantil; identificar e trazer à tona as contribuições da ciência ontopsicológica – pedagogia e psicossomática. O método de pesquisa utilizado foi à abordagem qualitativa, com a análise da prática pedagógica inclusiva e a ação do processo de ensino e aprendizagem nesse contexto de ensino, uma revisão teórica e a narrativa das professoras contribuíram com o estudo. Os resultados obtidos foram às aprendizagens do aprendiz na inclusão e das docentes da educação infantil que com suas falas evidenciam seus saberes, bem como se trás a prospecção do estudo, as considerações finais apontam o conhecimento construído na práxis pedagógica e a atuação no âmbito do desenvolvimento pedagógico.

Palavras-chave: Educação Infantil; Inclusão; Ontopsicologia; Psicossomática.

1. Introdução

A prática docente inclusiva no contexto da Educação Infantil, em consonância com os estudos contemporâneos da ciência Ontopsicológica, com contribuições da pedagogia, da perspectiva sistêmica da vida – o pertencimento, e da psicossomática – revelam um estudo.

Após um mês do início do ano letivo de 2019, a turma do maternal II, recebeu uma criança de inclusão – um caso de Epilepsia, desde o início levantaram-se questões por parte das docentes: - O que essa criança tem? Como devemos agir? Existe acompanhamento da criança com uma psicóloga? Na instituição não havia uma pedagoga para realizar um acompanhamento pedagógico, o qual se deu pelas professoras que com a formação em pedagogia, puderam realizar esse processo educativo.

Nesse início obtiveram poucas respostas, pois sabiam que ele era diferente, como cada criança é um indivíduo único, não tinham uma receita pronta de como conduzir a sua aprendizagem. Por meio da convivência foram encontradas várias formas de se trabalhar, embora ainda se vislumbrasse diversas possibilidades para a construção do relacionamento, do ensino e da aprendizagem.

O aprendiz ficava na instituição educativa por períodos alternados, não frequentando integralmente, pois também realizava equoterapia, e frequentava outra instituição de ensino devido às suas necessidades de desenvolvimento, mas ainda sem diagnóstico médico ou psíquico. Conforme as observações do seu comportamento aconteciam, melhor passou-se a entendê-lo, bem como, a encontrar formas de agir e da ação docente, afinal, faz parte do trabalho pedagógico conhecer os indivíduos na sua individualidade, como sujeito participante do grupo.

A criança de inclusão, no contexto da educação infantil, participa das mesmas atividades e brincadeiras que as outras crianças. São adaptadas se necessário para que a criança as possa realizar, mas não menos desafiadoras, a fim de proporcionar o desenvolvimento integral e sadio.

O método de pesquisa utilizado foi a abordagem qualitativa, com a análise da prática pedagógica inclusiva, a ação do processo de ensino e aprendizagem, uma revisão teórica, e a narrativa das professoras contribuíram com o estudo. A descrição do dia a dia da criança com epilepsia na educação infantil revela a importância da responsabilização docente e discente no desenvolvimento da criança, bem como, no fazer pedagogia.

Para tanto, teve-se como objetivo geral: relacionar a prática docente inclusiva de um caso de epilepsia com a teoria da Ontopsicologia e como objetivos específicos: (I) apresentar as inter-relações da criança de inclusão com o grupo de crianças e professoras no contexto do ensino infantil; (II) identificar e trazer à tona as contribuições da ciência ontopsicológica – a pedagogia e a psicossomática.

2. Desenvolvimento

Pedagogia Ontopsicológica, o ensino da responsabilidade

A Pedagogia Ontopsicológica tem como escopo prático “educar o sujeito a fazer e, a saber, si mesmo: fazer uma pedagogia de si mesmo como pessoa líder no mundo, educar um Eu lógico-histórico com capacidades e condutas vencedoras” (MENEGETTI, 2014, p.14), para tanto, tem como arte coadjuvar a criança à realização de si mesma.

A responsabilidade é o conceito chave que sustenta a educação, deriva do latim *respondeo, es, spondi, sponsum, ere* = responder, é “a situação psicológica na qual o sujeito é necessitado a responder ou existencialmente, ou juridicamente, ou moralmente” (MENEGETTI, 2014, p. 240), no momento da existência de um sujeito, o qual se localiza em um lugar, e tem o investimento de dinâmicas, interações, campos semânticos, não há possibilidade de evadir da responsabilidade da existência, ou seja tem origem no “determinismo derivante do indivíduo situado em ambiente, portanto não é uma escolha.” (MENEGETTI, 2014, p.240).

Inicialmente, ser responsável é agir em conformidade com a lei social determinada pelo grupo, ou seja, não ser responsável é quando a partir dessa ótica, não age ao princípio definido pelo social, logo, a responsabilidade determina a exata moral do ser humano.

Entretanto, a ciência ontopsicológica demonstra que existe outra moral, a moral da vida.

Considerando-se esse aspecto, o desafio é educar as crianças e adolescentes para serem responsáveis socialmente, mas com a possibilidade de serem fiéis a si mesmos, ou seja, seguindo as pulsões do seu Em Si ôntico¹, utilizando-se de uma dupla moral, para garantir uma individualização dentro de uma socialização.

Em relação à dupla moral, para uma maior compreensão, cabe transcrever as palavras do Professor Antonio Meneghetti (2014, pp. 204-207):

Dois são os escopos ou conhecimentos que é necessário fornecer ao pequeno: 1) conhecimento e respeito por si mesmo, 2) conhecimento das regras (deveres) que a sociedade local e semelhante (o humanismo humano) escolheu e impõe. [...] O indivíduo vive através dessa bilateralidade, essa dupla moral: a moral da vida que é ínsita no seu princípio individualizado Em Si ôntico e a outra, a civilização, a cultura sobreposta, constante sociedade. A criança, o Eu, deve aprender a conjugar essa dupla moral: a moral profunda da vida em si mesmo para si mesmo defronte à vida e a moral de indivíduo cívico em relação aos outros, que observam as mesmas leis, os mesmos deveres que ela vive.

Dessa forma, com a pedagogia ontopsicológica o indivíduo em desenvolvimento aprende, desde a primeira infância, que ele pode ter a sua individualidade e concomitantemente conviver socialmente, sem a imposição de ter que escolher entre as suas necessidades e as exigências sociais ou familiares, conciliando ambas, mantendo a si mesmo, com vantagem de êxito.

Outrossim, ressalta-se que a Ontopsicologia significa o “estudo dos comportamentos psíquicos em primeira causalidade, incluída a compreensão do ser; estudar psicologia segundo as coordenadas do real, ou intencionalidade da ação-vida, ou ação-ser.” (MENEGETTI, 2014, p. 11). Além disso, tem como objeto de estudo a atividade psíquica.

Perspectiva Jurídica: a garantia do direito à educação para o aluno de inclusão

Inicialmente, ressalta-se que a carta magna brasileira, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que é a norma geral para as demais espécies normativas, prevê que os direitos das crianças e dos adolescentes possuem prioridade absoluta em relação à outros sujeitos de direito, por uma razão muito simples, que foi considerada pelos legisladores: são pessoas em condição peculiar de desenvolvimento. Dessarte, é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar o desenvolvimento integral dessas pessoas em formação, a saber:

Art. 227 É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (BRASIL, 1988, s/p).

Ademais, o grande desafio da previsão legal do direito à educação é a sua aplicabilidade prática, pois no caso da criança com necessidades especiais de aprendizagem, se toca num ponto

¹ Em Si ôntico: “é a radicalidade da atividade psíquica, o projeto de natureza que constitui o ser humano.” (MENEGETTI, 2012, p. 26).

abrangente e delicado para o seu desenvolvimento. Cabe lembrar que por um período histórico, as crianças com necessidades especiais de aprendizagem frequentavam escolas de educação especial e não estavam inclusas no ensino tradicional, mas com a mudança de paradigma advinda da Lei 8.069/90, Estatuto da Criança e do Adolescente, o aluno com necessidades especiais passou a ter o direito de pertencer ao grupo social, podendo assim participar efetivamente da sociedade, construindo as inter-relações com outras crianças e professoras, corroborando intensamente em seu desenvolvimento como “ser pessoa”.

Inter-relações das crianças e professoras na educação inclusiva no ensino infantil

Hiago² chegou a meados de março para participar das atividades na educação infantil com a turma do maternal II, crianças pequenas, de 04 a 05 anos e 11 meses de idade. A turma rapidamente percebeu a presença dele, o qual participou do período de acolhimento, dias que gradativamente vai conhecendo e participando das atividades, na prática ficou duas horas no primeiro dia, três horas no segundo, quatro horas no terceiro dia e assim foi ampliando, gradativamente. O critério utilizado para o aumento das horas é se a criança aceita com facilidade a alimentação, e então no outro dia fica para dormir, e assim passa a frequentar o período integral. Nesse caso, a criança não apresentou dificuldades e realizou as atividades da forma comum às crianças que frequentam a unidade educativa.

Por realizar outras terapias para o seu desenvolvimento, o Hiago não teve a mesma frequência que as outras crianças, por um período frequentou de manhã e à tarde com ausência duas vezes na semana, no segundo semestre, começou a medicação e passou a frequentar também a escola especial no período da manhã, participando das aulas no período da tarde.

Ressalta-se que o seu desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem variou bastante, obteve avanços mais visíveis como alguns ainda não tão vistos. A primeira questão observada era se tinha autonomia para se alimentar, no começo precisava de auxílio das professoras, pois derrubava o café, passando a se alimentar no café da manhã sozinho com a caneca, no almoço sentava no colo da professora e selecionava os alimentos, evitava as saladas e legumes, a sopa comia as vezes, e tinha seus alimentos preferidos como o pão e as bolachas, aprendeu a comer com e sem talher.

Ademais, Hiago usava fraldas e não despertou autonomia para a retirada. O momento que mais lhe agradava e se mostrava curioso era a ida ao parque de areia e o gramado. No início qualquer degrau era um grande obstáculo, pois parava, olhava as outras crianças, se agachava e então descia, aprendendo gradativamente a subir a escada para descer o escorregador, foi responsabilizado a cuidar de si e, com isso, sua autonomia, destreza corporal e coragem aumentaram, não costumava cair e quando isso aconteceu às crianças lhe ajudaram, chamando as professoras para cuidarem dele.

Sobre a percepção do corpo aponta-se:

² Nome fictício da criança, utilizado para preservar sua identidade.

A primeira lógica no acontecimento de uma criança é aquela de colher o próprio corpo como estranho: existe, mas não se possui não se sabe [...] O que é mais significativo é que cada criança aprende *ex novo* a sua corporeidade mundana de modo profundo, sem nenhum mestre no externo que lhe ensine. Nenhuma mãe ou nenhum pediatra pode ensinar à criança que o braço é seu e pode movê-lo. (MENEGETTI, 2014, p. 19)

Nesse aspecto, cabe ressaltar que Hiago não falava, por isso, a comunicação com uma das professoras se estabeleceu através do olhar e por meio de gestos, ao observar com atenção para ele, a educadora sabia o que ele precisava como era curioso e atento, também apontava o que queria quando não alcançava, por exemplo: no armário havia bolachas para as crianças que ficavam até às dezoito horas, ia até o armário e apontava, pois queria comer as bolachas. Além disso, quando queria algum brinquedo de outra criança ele pegava, e se a criança quisesse de volta ele mordida para se defender, todas as ações do Hiago revelavam a sua percepção corporal.

Assim, gradativamente, por meio de muita conversa e percepções da criança pela professora passaram-se a responsabilizar o Hiago, orientando que ele não poderia morder os amigos, ensinando-o a se acalmar, o qual foi aprendendo a reagir com sorriso e a bater palmas quando gostava de alguma atividade.

Para Meneghetti (2014) a criança é fenomenologia do espírito, e ao estar perto dela, é preciso muito respeito para incentivá-la “a apreender as regras deste jogo existencial: do estar em pé, ao caminhar, ao limpar-se, etc.” A criança vai aprendendo a como viver no contexto social em que está inserida.

Na sala de atividades preferia brincar com massa de modelar e carrinhos, que gostava de jogar pela janela para buscar no solário, gostava da causa e efeito, pois também quando lavava as mãos observava a água cair, mas foi responsabilizado a não ficar brincando com a água e se molhar, pois era o que fazia inicialmente. Não brincava de faz de conta, ou seja, não imaginava situações ou um amigo imaginário.

O que chamava atenção era a curiosidade das crianças que questionavam as professoras sobre o Hiago: Porque ele usa fralda? Porque ele morde as crianças? Porque ele não fala? Pode-se observar que as dúvidas infantis eram sobre as diferenças físicas de comparação do seu eu com o eu do outro, e não no atendimento e atenção dados pelas professoras. Essas especificidades demonstravam que havia algo a mais, além da epilepsia no Hiago, mas não havia diagnóstico médico.

A responsabilização acontecia em diferentes momentos, quando participava das atividades artísticas, tinha que sentar e desenhar optava às vezes em desenhar no chão, gostava de explorar a tinta guache, com a argila explorava a materialidade, quando foi feito brigadeiro, não quis enrolar, preferiu comer de uma vez só, pois para ele não era fácil saber esperar, tudo precisava ser “aqui, agora e do seu jeito”, evidenciando a sua percepção da realidade, em egoicidade absoluta.

Como as crianças caminhavam com autonomia pela unidade educativa essa foi uma das aprendizagens que teve caminhar e estar atento ao caminho percorrido, se não prestava atenção facilmente cairia. Outro desafio foi aprender a sentar no banco sem encosto, teve que responsabilizar seu corpo ao autocuidado.

Para Soares (2019) a perspectiva de ensino inclusiva apresenta que mesmo sem laudo específico, o ensino precisa ser pensado e planejado visando às necessidades e interesses das crianças, bem como os seis direitos de aprendizagens estabelecidas pela BNCC (2017), os quais são “conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se”.

Como essência da prática pedagógica inclusiva, se considera que a participação, o pertencimento, a convivência diária e o fortalecimento de vínculos afetivos com o grupo, dão qualidade e sentido ao processo de ensino e aprendizagem, que fortalecem o desenvolvimento e a responsabilidade com a vida.

Logo, ensino é a transferência do conhecimento, com instruções e métodos adequados, tendo como propósito a produção da aprendizagem, para Carvalho (2011) o ensino em sua prática precisa acontecer de maneira a respeitar a integridade intelectual do aluno e a sua capacidade de pensar independentemente, num ambiente e contexto educacional planejado, que considera um conjunto de práticas pedagógicas que corroborem com a ação de ensinar.

Sobre a aprendizagem a qual acontece simultaneamente com o ensino, “o sujeito interage no modo em que aprendeu a primeira vez e não sabe formalizar *ex novo*, em aprendizagem aberta. [...] Nenhuma experiência do passado pode concluir o potencial do aprendiz; o aprendiz é em igualdade ao impacto que nós temos.” (MENEGETTI, 2005, p.208) Corroborando com a importância de se vivenciar diferentes experiências, processos e vivências, a fim de estar na constância das aprendizagens. Nesse contexto, não são as ações do passado que definem o que o sujeito virá a se tornar, mas é a base para as atitudes que o impactará para então agir.

A pedagogia tem como fim um processo de crescimento ordenado, ou seja, já sabe aonde se vai, atuando no crescimento ordenado do devir histórico, sendo uma ciência de serviço funcional ao indivíduo.

Psicossomática na ótica da Ontopsicologia - Epilepsia

Primeiramente se explicará algumas questões acerca da psicossomática. Para o aparecimento de alguma doença de qualquer gênero ou anomalia social, se tem duas explicações, as quais, a primeira diz respeito à raiz da etiologia patológica baseada na hereditariedade, e a segunda questão no ambiente social. Ainda, “a fenomenologia patológica pode depender somente de fatores ambientais, do tipo de sociedade que oprime formando o indivíduo” (MENEGETTI, 2005, p. 183), estando neste fator às psicologias: social, política e jurídica que atribuem elementos formativos a uma sociedade de cultura errônea e violenta com uma comunicação agressiva.

A formação patológica de um indivíduo não depende do grupo, mas sim de si mesmo, caso contrário todos seriam doentes.

Meneghetti (2005) definiu três critérios de pesquisa: a avaliação que o sujeito faz de si mesmo e do próprio operado, com as referências de valor a moral sistêmica e a tradicional; a raiz complexual; e a análise crítica dos sonhos; ao confrontar os três critérios chegou a família como a causa de predisposição a referência patológica. Para tanto, não é ao acaso o tipo

de doença que o sujeito adquire, mas sim de como estrutura as informações de modo afetivo desde a infância.

A formação da identidade se dá entre os dois a quatro anos, de modo hetero-identidade, a qual a criança assimila o modo de se mover, de falar, de se articular e de consciência das modalidades do adulto-mãe. E o terceiro motivo, a exigência pré-imposta pelas categorias jurídicas do nosso sistema antrope-sociológico, pois todas as regras, a jurisprudência, a constitucionalidade de comportamento, do grupo na família, que é um efeito rede de ideologia societária (MENEGETTI, 2005).

O fundador da Ontopsicologia esclarece sobre a díade:

É algo de ineliminável na realidade do ser humano, “Díade” significa: movimento a dois, onde um movente não pode agir sem o coincidente heteromovente. É uma unidade de ação que parte de dois centros, dos quais um não pode viver sem a coexistência do outro pólo (MENEGETTI, 2005, p.186).

Tem-se como exemplo, o estômago que não ativa a função sem os alimentos, e na díade um pólo é o adulto-mãe e o outro é o Eu do sujeito. O indivíduo para romper a díade precisa decidir destruí-la, a fim de reunificar-se, consentindo a interação no uno da vida.

“A criança estrutura a própria tipologia modulando-se sobre aquela materna” (MENEGETTI, 2005, p.188), faz tudo para agradar a mãe, busca responder às suas exigências, pois a criança é onicompreensiva com as suas necessidades. A ruptura da díade acontece tendo em vista que o sujeito passa a ter outras necessidades como ter outros amigos, outra cultura social.

Por fim, cabe ressaltar que existe uma ordem psíquica que está por trás da fenomenologia da Epilepsia, a agressividade de ataque fica impedida, desencadeando um curto circuito elétrico no próprio cérebro. Quando o doente é criança se faz psicoterapia na mãe, quando adulto cura-se na psicoterapia. A dificuldade que se encontra com o doente é que por fora é calmo, compassivo, bonzinho, revelando uma falsidade patológica.

Pertencimento na visão sistêmica da vida

A visão sistêmica da vida traduz uma concepção unificada da vida, na qual todos podem e devem pertencer de forma igual, todos têm o mesmo valor, cada um com o seu potencial único, para formar e contribuir, como parte de um todo maior. Todos são necessários e importantes na lógica do mundo-da-vida³.

Conforme Fritjof Capra e Pier Luigi Luisi (2014) na ciência biológica, olhar de forma sistêmica significa ver um organismo vivo na totalidade de suas interações mútuas, ressaltando que até um organismo unicelular, que aparentemente seria simples, possui uma rede metabólica de grande complexidade bioquímica.

³ “Mundo-da-vida é o princípio que dá origem a todo o conhecimento. O Eu é o ator do mundo-da-vida. O mundo-da-vida é a causalidade vital primeira de toda a realidade.” (VIDOR, 2013, p.13) Cabe esclarecer que o referido conceito trata-se de uma reapropriação da noção de mundo-da-vida da Fenomenologia de Edmund Husserl.

No caso em tela, olhar a criança Hiago, assim como qualquer outro indivíduo, pela perspectiva sistêmica da vida, significa colher a sua individualidade única, com sua potencialidade e peculiaridades, inseridas dentro de um contexto familiar e social, ou seja, no interior do seu *habitat* atual, ressaltando que a utilização da pedagogia ontopsicológica pelos educadores, de um modo geral, fez e fará cada vez mais diferença na forma de educar, pois independente dessa educação ser realizada de maneira inclusiva ou tradicional, possibilita à criança conhecer e respeitar a si mesmo, desenvolvendo-se como um ser individual, autônomo, que pode alcançar a autorrealização, em identidade com a sua natureza e, por que não dizer, com o seu Em Si ôntico.

Em outra perspectiva, a referida visão sistêmica com enfoque no indivíduo, permite olhar para a criança considerando o sistema familiar e social em que vive e não mais observá-la de forma isolada, evitando assim julgamentos antecipados, que são muito comuns quando não se observa a educação que o aluno recebeu em casa. Assim, considerando o contexto familiar do aluno, as possíveis causas dos desequilíbrios de comportamentos e das patologias psicossomáticas tornam-se mais compreensíveis para os professores, que partindo desse novo parâmetro, podem adaptar a metodologia de ensino, promovendo o desenvolvimento e a educação do aluno com mais facilidade e naturalidade, razão pela qual essa postura sistêmica é de grande valia para implementar uma nova pedagogia para a sociedade futura.

3. Resultados

Como resultados do estudo apresentado, alguns pontos revelaram que foram encontradas formas de agir e da ação docente, sendo: estabelecimento das relações, criança-crianças e criança-professoras por meio da comunicação não verbal ativa, com a observação da linguagem corporal, se sabia o que a criança queria, bem como, as crianças vinham comunicar sobre as necessidades do colega.

Na inclusão da criança com o grupo e as professoras, que ambos estabeleceram uma recíproca relação de respeito, de vínculo e afeto, de desenvolvimento corporal. Questões como o uso de fraldas e a linguagem como comunicação, ainda precisarão de estímulo, desenvolvimento e maturidade da criança.

Como indivíduo, Hiago se superou quando aprendeu a subir e descer do escorregador sozinho, pois, após passar quatro meses observando seus colegas, foi lá e o fez como sujeito participante do grupo, as outras aprendizagens que teve também contribuíram para o seu pertencimento, a sua autonomia e responsabilidade.

As crianças o respeitavam na sua diferença, buscavam brincar com ele, mas o deixavam só quando percebiam que o Hiago queria brincar sozinho, sempre comunicavam a professora algum fato do cotidiano como - O Hiago subiu no escorregador, - O Hiago se machucou, para que as professoras o auxiliassem e buscassem a solução para cada situação, estabelecendo nas relações o líder e a resolução dos desafios.

As falas a seguir das professoras que atuaram nesse processo ilustram a aprendizagem delas, frente ao desafio profissional:

“Enquanto professora do Hiago, estabelecer o nexos na relação foi essencial para compreendê-lo em suas necessidades e atenções, bem como a responsabilizá-lo no autocuidado de si mesmo.” (Professora 1)

“A professora ao trabalhar com a criança de inclusão tem que pensar no planejamento que valorize a capacidade de cada um, lembrando que cada criança tem as suas especificações e seu próprio tempo para realizar suas atividades, deve buscar incentivar a superar os obstáculos, dando autonomia e responsabilidade nos desafios propostos e ao trabalhar com o Hiago, isso ficou em evidência.” (Professora 2)

Assim ficou evidenciado a aprendizagem por meio das inter-relações pessoais no âmbito pedagógico, bem como o processo de desenvolvimento do ensino e aprendizagem de todas as pessoas envolvidas, houve avanço profissional por parte das professoras ao aceitarem o desafio, houve crescimento para o Hiago, e estabelecimento de respeito e compreensão das diferenças de cada indivíduo para o grupo de crianças.

Os desafios foram vencidos, para tanto, foi necessário inteirar-se sobre a epilepsia e a inclusão, estudando e desenvolvendo na prática o conhecimento, além de estabelecer as inter-relações entre as crianças e as professoras, cumprindo com seu dever de profissional e garantindo os direitos das crianças à aprendizagem e a estar em um ambiente educativo para efetivar seu desenvolvimento.

Ressalta-se, durante todo o período letivo o qual frequentou o Centro Municipal de Educação Infantil não ocorreu nenhum episódio de ataque epilético com Hiago, demonstrando que ele se sentia bem e o ambiente não desencadeava crises, diferente dos outros lugares onde estudou, em que os responsáveis relataram situações de ataque epilético.

Como prospecção desse estudo, pode-se apresentar uma nova perspectiva de pedagogia, de fazer a ação docente, uma prática de ensino voltada ao indivíduo e a sua responsabilidade, e de protagonista do seu desenvolvimento, a prática inclusiva visa o indivíduo no grupo, não como ator principal, assim novas pesquisas podem ser feitas nesse viés, para conhecer a ação docente contemporânea.

4. Considerações finais

O estudo contribuiu com o conhecimento ontopsicológico no âmbito da pedagogia e da psicossomática, ilustrou sobre os desafios da prática docente com a inclusão de uma criança com epilepsia inserida na sociedade, bem como, acrescentou apontamentos acerca do trabalho pedagógico na educação infantil.

Os desafios de atuação com o Hiago foram superados, mas com a consciência de que se pode avançar e as expectativas de aprendizagem ampliadas por meio da responsabilização e socialização com as outras crianças e professoras, por mais que as ações fossem contempladas no planejamento, o desenvolvimento da criança se dá no dia a dia do fazer pedagógico,

fazendo-se presente novas perspectivas sistêmicas da vida, respeitando cada individualidade e cada aprendizagem em seu tempo de maturação.

Os direitos da educação foram contemplados, garantindo a inclusão, e a responsabilidade de cada indivíduo colocada em prática, construindo-se a empatia por meio de ações positivas de observação e comunicação entre cada ser, ações inerentes à essência do ser humano.

Além disso, aprofundar o conhecimento acerca da epilepsia, sob a ótica da psicossomática, buscando os conceitos da etiologia e da relação diádica, auxilia a prática docente e a pedagogia no cotidiano escolar da infância, pois aprofunda a compreensão acerca do indivíduo, destacando que em nenhum momento é função da pedagogia atuar de forma médica ou psicoterápica, apenas busca-se conhecer e identificar as causas e atuar no âmbito do desenvolvimento pedagógico.

5. Referências bibliográficas

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 28 jan. 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2017. (Versão final).

CAPRA, F.; LUISI, P. **A visão sistêmica da vida**. Uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas. São Paulo: Cultrix, 2014.

CARVALHO, J. S. F. **O conceito de ensino**. 2011. Disponível em: <https://revistaensinosuperior.com.br/o-conceito-de-ensino/>. Acesso em: 24 fev. 2021.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **A psicossomática na ótica ontopsicológica**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2005.

MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

SOARES, W. Como pensar na inclusão durante a Educação Infantil? 2019. **Revista Nova Escola**. Ed. 319. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/15224/como-pensar-na-inclusao-durante-a-educacao-infantil#=_. Acesso em: 24 fev. 2021.

VIDOR, A. **Fenomenologia e Ontopsicologia**: de Husserl a Meneghetti. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.